

CRESCER UMA COMUNIDADE

(2ª PARTE)

Por que o ano de 1970 era importante? O que aconteceu?

Esse é o questionamento que de imediato se nos apresenta. Vejamos como se apresentam as propostas da comunidade judaica e da comunidade siriani nessa mesma época.

Analisando a comunidade judaica no Brasil, verificamos que, fazia algum tempo, no primeiro quartel do século XX ou pouco mais, havia se iniciado um movimento, interno à comunidade judaica, de valorização dos judeus, primeiramente em relação aos valores morais trazidos da Europa tanto Oriental quanto Ocidental; com maior ênfase à Europa Oriental visto que a maioria dos judeus era refugiada de países da Europa Oriental. Além disso, havia a valorização do indivíduo, que por ser judeu, portaria uma carga cultural única consigo. Essa valorização do indivíduo judeu fazia parte de um trabalho maior que se originara na Europa havia um século; tratava-se do movimento sionista. Até a primeira reunião sionista, em fins do século XIX, os judeus sonhavam com uma terra governada por Deus ou os orientadores do povo judeu para as palavras de Deus, os rabinos. Com o advento da referida reunião, sob o comando de um estudioso da política européia da época, Theodor Herzl, o movimento passou de religioso para laico, porém, sob o manto da religião, pois a cultura judaica tinha suas raízes na religião judaica. Formaram-se então sociedades coordenadas pelo movimento sionista pelo mundo, onde houvesse judeus, para que revalorizassem a cultura judaica em todos seus aspectos, valendo até o uso da emoção junto aos cristãos da Europa e América e se tudo isso não surtisse algum efeito, apelar-se-ia também para a “dúvida razoável” histórica ¹.

Após meio século de trabalhos conseguiram formar um governo num estado essencialmente judeu.

Em seguida começaram os ideólogos judeus a trabalhar no sentido de multiplicar seus apoiadores, com base em documentos culturais, pelo mundo todo onde havia judeus. Logo após a formação de um governo no estado de Israel, na primeira década, os ideólogos perceberam que aos poucos os seus seguidores diminuía e precisavam de um fato novo. Esse fato novo veio com a Guerra dos Seis Dias em 1967. É certo que não foi o estado judaico que provocou a Guerra, porém, ele saiu vitorioso e com isso conseguiu elevar a moral dos judeus no mundo todo, numa época na qual havia um grande movimento de deserção da cultura tradicional judaica.

No Brasil, especificamente, a comunidade judaica percebeu que, aquele discurso que viera com os imigrantes da Europa Oriental já não produzia efeito em seus descendentes; tal discurso servia onde não havia liberdade de expressão aos judeus: nos guetos da Polônia, Rússia e outros países da Europa Central. No Brasil, contudo seria necessário um novo discurso. Foi então que perceberam que o mesmo problema havia se processado na América do Norte e que os jovens rabinos da ala liberal conseguiam resultados inusitados entre os judeus de lá.

Então, em 1970, trouxeram para o Brasil e mais especificamente São Paulo, onde se concentrava a maioria dos judeus, um rabino. Era o rabino Henry Sobel, proveniente da América do Norte, num movimento de intercâmbio cultural, um rabino com esses ideais novos e com um novo discurso, que fora trazido a São Paulo para ensinar Literatura Hebraica na Universidade e quase em seguida, alçado ao cargo de presidente da Congregação Paulista.

Seu discurso renovador interrompeu o ciclo de deserções que havia na época e, além disso, reconquistou uma média de 70% a 80% dos judeus que haviam deixado o judaísmo em São Paulo. Entre os muitos discursos que proferia estava o da antecedência histórica judaica, como o de que os novos-cristãos que possuíam sobrenomes de árvores (por exemplo: Pereira, Macieira etc), eram todos de origem judaica em Portugal e Espanha e foram obrigados a se converter ao catolicismo para escaparem da morte. Isso excitava a imaginação de milhares de brasileiros não judeus, com esses sobrenomes, pois, de repente, de não terem um passado além d’algumas décadas, passaram a ter uma história familiar centenária (400 anos ou mais).

CRESCE UMA COMUNIDADE (CONTINUAÇÃO)

Qual o reflexo desse movimento? Eis as principais considerações:

- 1) No censo demográfico de 2010 havia mais de 65 mil pessoas que se declaravam com orgulho como judeus em São Paulo e 110 mil no Brasil.
- 2) Conhecimento parcial ou até integral da Cultura Judaica pela grande maioria do povo judeu no Brasil.
- 3) Permeabilidade dos judeus nos meios de comunicação para dar maior transparência aos judeus no Brasil.
- 4) Reforço das Redes de Proteção Social aos judeus que emigraram da Europa Oriental ao Brasil.
- 5) Permeabilidade dos judeus nos meios políticos nacionais para defenderem suas causas nacionais e internacionais sem prejuízo às causas nacionais do Brasil.
- 6) Revalorização da Torá (é como os judeus chamam os cinco primeiros livros do Antigo Testamento Bíblico).
- 7) Revalorização do folclore judeu.
- 8) Valorização da história das famílias judias sem olhar para classe social ou origem geográfica da mesma.
- 9) Revalorização da cultura esotérica judaica com duas vertentes, o Hasidismo e a Cabalá.

É claro que havia outros movimentos, porém, ao que tudo indica, eram de efeito subliminar e seriam coordenados com esses principais para surtirem algum efeito junto ao povo local. Entre eles destacamos:

- a) Revalorização da Torá: havia a influência que isso deveria exercer junto ao movimento crescente de protestantes “evangélicos” dos quais muitos deles julgavam que somente eles, os “evangélicos”, entendiam o Antigo Testamento e que davam ênfase a essa parte da Bíblia. Começou com os chamados judaizantes e em pouco tempo, tal movimento se alastrou para outras seitas dos evangélicos.
- b) O Hasidismo teve pouca penetração entre o povo, pois exigia conhecimento profundo das tradições dos judeus. Já o Cabalismo (ou a Cabala) que é um tipo de esoterismo judaico, passou a exercer influência preponderante sobre o povo brasileiro em geral, porque não precisa conhecimento das tradições dos judeus e isso, era um facilitador de sua penetração na mentalidade do povo brasileiro que acreditava em culturas esotéricas, tal como a astrologia e, principalmente, o sincretismo religioso entre as práticas fetichistas africanas e o catolicismo romano (como a macumba, por exemplo).

Todos esses movimentos culturais, bem coordenados, teriam um reflexo previsto e que fora alcançado no aspecto político. Observemos, no entanto que o ponto de partida estava no aspecto cultural e principalmente religioso. Estava na valorização das histórias familiares dos judeus contadas dentro das próprias famílias e que ganhavam depois o público judeu dando a ele o sentimento de que ele, o judeu, era diferente do resto do povo que habitava o Brasil.

O que aconteceu, nesse ínterim, com os sirianis no Brasil?

Observação.:

- ¹ Chamo de “dúvida razoável” histórica a tese de que se não é possível provar que essa tese é absurda então pode ser que ela tivesse ocorrido tal como a descreve seu autor. Um exemplo típico seria o nome que Genesis (1º livro do Antigo Testamento) apresenta como sendo o inventor da harpa e órgão no capítulo 4, versículo 21

(continua no próximo número)

RITUALÍSTICA I - DIA DE FINADOS

No dia 3 de março a Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia realizou a missa em memória de todos os fiéis finados e rezou para que Deus lhes perdoasse seus pecados e os recebesse em seu Paraíso Celeste.

Na ritualística da Igreja, o procedimento é o que segue: durante o ofício da missa solene, enquanto um diácono está cantando o “Credo”, entoando-o “solo”, o sacerdote ajoelhará rente ao altar e recitará “sotto voce” o nome de cada finado enquanto faz o sinal da cruz, com o polegar direito, sobre a pedra que sustenta o altar, na sua frente, para cada finado que citar. Em geral, por serem muitos os nomes dos finados de cada família, esses nomes deverão ser entregues por escrito, ao sacerdote (ou a um dos diáconos que os encaminhará ao sacerdote), antes do início da missa.

O diácono que está cantando o “Credo” deverá utilizar bastante tempo modulando as palavras do “Credo” para evitar que haja um hiato entre o término do “Credo” e a próxima oração que o sacerdote entoará e que é a benção inicial ao povo. Se os nomes forem muitos e ainda assim o diácono terminar o “Credo” e em seguida clamando “*stau men qales qūrielaison*”, porém o sacerdote não houver se levantado, os diáconos iniciarão um canto seqüencial de “*stau men qales qūrielaison*” em que eles, os diáconos, entoarão esse “*stau men qales qūrielaison*” em formato “solo” cada um e assim repetirão até o sacerdote se levantar e iniciar a “benção”.

Até a época do “Saifo”, nas montanhas da Assíria, conhecidas como Tur Abdin, após o 3º diácono cantar “*stau men qales qūrielaison*”, um diácono entoaria um hino do bispo Rabule da cidade de Edessa (século V), hino este conhecido como “*takexefeto*” em siríaco (aramaico) que significa “súplica”. Esta prática veio ao Brasil pelo conhecimento de um professor(*) que conhecia a música e a ritualística da Igreja Siríaca de Antioquia e perdurou até o início dos anos 1980; depois, na Igreja Santa Maria, um de seus filhos (**), que é diácono, tentou manter essa prática.

Para lembrarmos os finados que partiram ao encontro de Nosso Senhor, escolhemos três hinos cantados em todos os sábados ordinários (são aqueles em que não há comemoração especial na Igreja), durante o ano todo. Essas orações que são anteriores ao 5º século do cristianismo, escritas em siríaco (aramaico), encontram-se no “**Livro de Orações da Semana Simples – xēhimo**” – e são cantadas na manhã de sábado, nas orações dedicadas aos finados. Esse livro foi impresso no Mosteiro de S. Marcos, em Jerusalém.

Chamou Nosso Senhor a Adão
 “Adão por que no Xeol¹
 Estás dormindo? Acorda!”
 Ouviu Adão a voz do Filho
 E pôs-se então a dizer:
 Quão agradável é esta voz
 E quão doces são suas melodias.
 Parece, esta voz,
 Àquela que me chamou entre as árovres²!

Os finados que tomaram Teu corpo
 Com Teu sangue vivo, e foram perdoados;
 Faze Nosso Senhor com que sejam lembrados
 Na Jerusalém dos Céus³,
 E quando Te assentares em Teu Trono
 E separares os bons dos perversos,
 Com face descoberta⁴
 Que estejam⁵ do Teu lado direito⁶.

Abençoada a Chuva dos vivos⁷
 Que desceu e aspergiu Sua Ressureição
 Sobre os que se encontravam deitados no Xeol
 E clamou com Sua voz poderosa
 No abismo que engole gerações⁸;
 E foram demolidas suas altas muralhas⁹
 E foram destruídos seus tesouros e palácios¹⁰
 E mostrou¹¹ que com Glória foi ressuscitada
 A espécie de Adão¹² !

RITUALÍSTICA I – DIA DE FINADOS (CONTINUAÇÃO)**Explicações:**

(*) Afediacono e Professor Abrohom Gabriel Sowmy.

(**) Diácono evangelista (Euangueloio) Aniss Sowmy

¹ Xeol (os europeus escrevem: *Sheol*) – os orientais acreditam ser um lugar ou estado de dormência da alma após a morte e antes do Julgamento Final.

² quer dizer: Paraíso.

³ Jerusalém dos Céus é o Reino dos Céus

⁴ Face descoberta i.e.não se envergonha de mostrar a face

⁵ Os finados

⁶ Lado direito de Deus -: segundo os Orientais (desde o tempo dos sumérios e assírios) os justos e bondosos ficam do lado direito de Deus enquanto que os perversos ficam do lado esquerdo de Deus para receberem o castigo final.

⁷ “Chuva dos vivos” é alusão a Cristo

⁸ “abismo que engole gerações” é a morte

⁹ Muralhas da morte

¹⁰ Tesouros e palácios da morte

¹¹ Subentende-se Jesus Cristo

¹² A espécie de Adão é o ser humano.

Ensinaamentos de Nossos Mestres

Rezem por todos os seres humanos.

Há uma esperança de arrependimento para que eles sejam merecedores perante Deus.

Que de vossas ações, aprendam.

Diante de suas palavras duras, com mansuetude na mente agi com calma.

Diante de suas blasfêmias somente orai e diante de sua perdição, cingi-vos com fé e perante sua selvageria sede pacificadores e não lhes sede imitadores.

[Extraído da Carta de Patriarca Ignácio de Antioquia do século II aos Efésios in **Corpus Ignatium** . William Cureton. Londres. 1846. (pg. 28)]

Palavras da Bíblia

Esperarei com paciência no Senhor Deus, que se voltou para mim e ouviu a minha súplica.

E tirou-me do poço das desgraças e da corruptibilidade abjeta;

Pôs os meus pés sobre uma rocha e firmou os meus passos.

Pôs um novo cântico na minha boca, uma glorificação a Deus;

Para que muitos vejam, e rejubilem, e tenham esperança no Senhor Deus.

Bem-aventurado o homem que se apóia no nome do Senhor Deus e que se não volta à vaidade e nem à conversa da mentira

Livro dos Salmos - capítulo 40º

CULTURA ORIENTAL - A CIDADE-ESTADO E O ESTADO CENTRAL

Quem teve a oportunidade de ler um opúsculo chamado *La Città* de Massimo Cacciari, verá uma brilhante análise entre duas filosofias de constituição da cidade. A filosofia não está propriamente na construção, está na idéia que está por trás da aparência física.

Cacciari propõe e prova que a formação da cidade grega, a *pólis*, é diferente da formação da cidade romana, a *civitas*.

Na concepção da *pólis*, o povo que a habita, identifica-se etnicamente e forma a cidade. Uma mesma cidade possui um mesmo povo que é diferente do povo que habita e forma outra cidade. Isso nos leva à idéia de cidade-estado ou seja; cada cidade possui suas próprias leis que servem a seus cidadãos. Exemplos típicos disso são Atenas e Esparta. Ambas chegam a lutar pela hegemonia de um pedaço da atual Grécia. Como consequência, temos que a hegemonia não é duradoura. Basta lembrarmos das lutas pela hegemonia do comando entre Atenas e Esparta. Lutam, porém nunca uma delas forma um império, depois entra na luta Tebas e por fim todas são vencidas pela Macedônia que entra em guerra com o exército de um Império, o Persa e o derrota. Vê-se então a Macedônia obrigada a tomar conta de um Império. Como não sabe fazer isso, pois é apenas uma cidade-estado, cai e o Império de um dos mais poderosos reis do mundo, Alexandre da Macedônia, divide-se em pedaços. Não durou mais que uma dúzia de anos. Depois disso, serão dois séculos de lutas internas sem definição.

Quando os romanos entram em cena, de início é a hegemonia entre cidades-estados que se processa. Sai vitoriosa a cidade de Roma. Então um general-político toma o poder: Júlio Cesar que transforma o governo democrático de uma cidade-estado numa ditadura em que o centro de comando é Roma, isto é, um império com comando central em Roma. Seus sucessores comandam o mundo ocidental antigo por 500 anos e mais outros 1000 anos, a partir do mundo oriental.

Onde está a diferença entre a cidade grega e a cidade romana?

CULTURA ORIENTAL — A CIDADE-ESTADO E O ESTADO CENTRAL

Os romanos transformaram a mente do ocidente. Enquanto os gregos pensavam que somente quem nascesse num determinado ponto do mundo (a *polis*) “era passível de ser governante”; os romanos pensavam que todos os que habitassem a mesma *civitas* tinham o mesmo pensamento e direito sobre outros, depois estenderam esse conceito para outras cidades e por fim o conceito se estendia para todos que nascessem dentro dos limites do Império Romano. Quem habitasse dentro dos limites era “cidadão romano” e quem habitasse fora recebia o nome “grego” de *bárbaro*.

O cidadão romano usufruía de direitos que os “bárbaros”⁽¹⁾ não possuíam; daí, Saulo, um judeu nascido na cidade de Tarso, a mais famosa província grega fora da Grécia (atualmente pertence à província de Adana-Mersin e fica na Turquia meridional), treinado em Jerusalém pelos sábios de lá e adotando a linha farisíaca judaica, exigiu ser julgado pelo governador romano e não por um tribunal judeu ⁽²⁾, pois Tarso ficava dentro dos limites do Império Romano naquela época. Então, ele foi enviado ao Governador Romano que ficava em Antioquia, para ser julgado.

De outra parte, se ampliarmos o tempo da análise histórica e essa ampliação da análise não a propõe Cacciari e contudo, no estudo da evolução do ser humano devemos fazê-la para entendermos como chegou onde ele, esse ser humano está, veremos que a *polis*, conforme proposta por Cacciari é uma fase final que tem seu início na tribo nômade, que se sedentariza em pequenos clãs e cresce para formar comunidades (vilarejos e depois aldeias) e por fim, acaba na constituição de uma pequena cidade com governo autônomo. Eventualmente, algumas pessoas dessa cidade deixam-na e vão formar outra aldeia e o ciclo recomeça. Algumas cidades podem se associar para um ou alguns objetivos, porém, não são subalternas umas às outras. Quando crescem demograficamente e também geograficamente, elas não ocupam o espaço de outras, trata-se de crescimento natural, não há embate com outra.

Se houver embate é por provocação ou algo muito grave. Essa evolução ocorreu em todos os continentes. Se tomarmos como exemplo o Crescente Fértil ⁽³⁾, veremos que muitas cidades assim começaram, por exemplo, a cidade de Alepo (atualmente na Síria) que nasceu da cultura natufiana, 6 milênios antes de Cristo (6.000 a.C.), suporta guerras contra outras tribos, invasões etc e forma uma cidade que perdura até nossos tempos.

Se olharmos o aspecto da *civitas* abordado por Cacciari, veremos que a grande diferença é reconhecer que todos dentro de uma mesma fronteira possuem um pensamento básico idêntico e produziram esse pensamento básico através do tempo que levaram ao crescer dentro da mesma fronteira, independentemente da etnia. Se houver embate é por provocação ou algo muito grave. Essa evolução ocorreu em todos os continentes. Se tomarmos como exemplo o Crescente Fértil ⁽³⁾, veremos que muitas cidades assim começaram, por exemplo, a cidade de Alepo (atualmente na Síria) que nasceu da cultura natufiana e muraibetiana, 6 milênios antes de Cristo (a.C.), suporta guerras contra outras tribos, invasões etc e forma uma cidade que perdura até nossos tempos.

Esse é um grande salto político pois, de algo pequeno como a cidade-estado que tem governo próprio somente dela e não se interessa imediatamente pela evolução cultural, tecnológica ou social de outra cidade-estado que pode distar poucos quilômetros dela, passamos para um sistema em que há um governo centralizado numa cidade da qual emanam as ordens centrais, saem os numerosos batalhões de soldados que defenderão a mais longínqua cidade e que tem um cultura, se não idêntica, ao menos similar pois, em boa parte é idêntica à da cidade central ou capital.

Numa análise grosseira, atualmente, a maioria dos países do continente africano são formados por cidades-estados cada qual com sua etnia, sua cultura lingüística, sua cultura moral, com diferenças entre si porém com aspiração de se compararem aos estados europeus modernos. No continente africano temos *polis*, no europeu, *civitas*.

Vejamos agora a história da *polis* e da *civitas* no Oriente Médio. Quando retrocedemos nos milênios da história do Oriente, vemos que os “impérios” eram cidades-estados que se guerreavam por alguma causa, assim, temos Erech, Nipur, Barsipa, Ur e muitas outras, as quais surgem após a sedenterização dos

povos no Crescente Fértil, em especial na Mesopotâmia e isso persiste até o tempo de Axur-Uballit (os europeus preferem a grafia: Ashur-Uballit), rei da cidade de Assur. Foi ele o fundador do que se chama por convenção de Primeiro Império Assírio. Na verdade, esse rei tentou centralizar o comando dos exércitos assírios e o envio dos tributos à sua cidade-estado porém, promoveu a deportação de famílias inteiras e até o povo todo de uma cidade-estado para outra região; com a intenção declarada de levar a essa outra região o conhecimento do povo que para lá estava emigrando.

As famílias e povos eram levadas com todos seus pertences, suas riquezas etc pois, estavam literalmente mudando. Isso começou em 1300 a.C. e prosseguiu por mais de um século, até 1180 a.C.

Depois, somente com Tiglat-Pelassar I, rei da Assíria com capital em Nínive, é que aconteceu algo extraordinário e digno de nota. Esse rei assírio construiu a biblioteca do reino para conter todos os “livros” cuneiformes que arremontava para que se não perdesse a cultura de todos os povos conquistados ou transferidos de uma região a outra. Veio em seguida a invasão de povos das montanhas como os arameus e de outros continentes como os egípcios. Isso perdurou por quase 2 séculos. Surge então no cenário Adad-Nirari II por volta de 940 a.C., rei assírio que consolida as conquistas sobre os diversos povos; tudo deve ser absorvido pelo povo assírio, até os deuses dos mais diversos povos são absorvidos pelo deus Assur. Os deuses com características da natureza, deixam de existir, a divindade imanente, passa a ser transcendente. A natureza é dessacralizada (deixa de ser adorada como sendo divina) e Assur passa a ser acima da natureza. Isso implica em que Assur, diferentemente de outros deuses, não precisa ser adorado somente num templo num único local do mundo, como por exemplo, Ixtar (os europeus preferem a grafia: Ishtar) em Ur ou Jeová em Jerusalém. Por ser transcendente, ele pode ser adorado em qualquer lugar. Mais dois séculos, Tiglat- Pilesser III (745 a.C.) dá o golpe de misericórdia na *polis* e declara que todas as pessoas livres do seu reino (ou seja, do Império Assírio) são assírios e assim, cria uma identidade nacional e cultural única. Isso traz uma responsabilidade junto: todos os nascidos ou habitantes permanentes dentro das fronteiras terão um único código de leis e a ele se submeterão. Dá início, naquela época ao que o mundo todo, somente com o Império Romano, sete séculos depois, conseguiria entender e imitar.

Observações:

(1) sobre o significado de **bárbaro** – v. *Suryoye* nr 64 pg 6 e *Suryoye* nr 85 pg.3

(2) Saulo de Tarso é conhecido nos meios cristãos como São Paulo. Essa passagem está relatada no Novo Testamento, em Atos dos Apóstolos capítulo 22.

(3) sobre o **Crescente Fértil** – v. **Cultura Oriental** in *Suryoye* nr 61 pg.5 e 6.

Bibliografias:-

1) **CACCIARI**, Massimo. *La Ciudad*. – Tradução de Moisés Puente. Editorial Gustavo Gili SL – Barcelona. Espanha. 2010

2) **KRIWACZEK**, Paul. *Babylon* (subtítulo: *Mesopotamia and the Birth of Civilization*). – Thomas Dunne Books. NY. USA. 2010.

3) **PARAPOLA**, Simo. *National and Ethnic Identity in the Neo-Assyrian Empire and Assyrian Identity in Post-Empire Times in Journal of Assyrian Academic Studies*, Vol. 18, no. 2, 2004.

Palavras da Bíblia

Não vos enganeis: corrompem os pensamentos bons as companhias más.

Acordai vossos corações de forma justa e não pequeis. Há pois pessoas que neles não há o conhecimento divino, para vossa vergonha digo isso.

1ª Carta de São Paulo aos Coríntios - capítulo 15º

FESTIVIDADES DO 3º BIMESTRE

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que marcam o cristianismo sendo que algumas, a nossa Igreja Siríaca de Antioquia lhas dá ênfase maior que as co-irmãs Igrejas do Ocidente. Em geral, acompanham-nos nessa ênfase a Igreja Copta (Egito), a Igreja Abexim (Etiópia) e a Igreja Armênia pois, a Igreja Copta e a Siríaca sempre compartilharam os mesmos princípios e dogmas; já a Igreja Abexim é fruto da pregação Copta e a Igreja Armênia, o é da Igreja Siríaca.

Em nosso Calendário, temos as comemorações de diversos santos, em especial os seguintes eventos que se destacam:

Maio		Junho	
Dia	Comemoração	05	S. Tiago de Edessa (conhecido como mor la'qūv dUrhoi – bispo e mestre na Igreja Antioquina)
03	Sexta-feira dos Confessores		
05	Domingo Novo e S. Aho (é o 1º domingo após a Páscoa e devido ao longo jejum da Quaresma, o povo pode então deliciar-se com festividades).	26	Jejum dos Apóstolos
		29	Festividade de S. Pedro e S. Paulo, Apóstolos
11	São Tiago de Nessibin (conhecido como mor la'qūv daNessebin – bispo e mestre na Igreja de Antioquia)	30	Festividade dos 12 Apóstolos
15	Festa de N. Sra. sobre as colheitas (início da colheita de uvas no Oriente)		

Significado de Nome

O nome **Lázaro** tem sua origem na língua fenícia e segundo a tradição da Igreja, é o nome de um amigo e discípulo de Jesus Cristo.

Em fenício, **Lázaro** se diz Eli'azar. O signo de apóstrofo indica a 16ª letra do alfabeto fenício que é igual ao siríaco (aramaico), é a letra **áin** ou 'e (esta letra bem como seu som não existe nas línguas ocidentais).

O nome **Lázaro**, (ou **Eli'azar**) é composto de 2 palavras: a primeira é “**eli**” que significa: “meu deus”; a segunda é “**azar**” que significa “ajudou” ou “auxiliou”. Assim, o nome Lázaro significa: “meu deus auxiliou” ou “meu deus ajudou”.

[Em aramaico, língua em que existem as cópias mais antigas do Antigo Testamento e do Novo Testamento, que é a Bíblia, Lázaro se diz **La'azar** ou **Eli'azar**].

Leitura recomendada:

Evangelho de S. João – capítulo 11º

ORAÇÃO INICIAL

bëhono iáumo yáld^he díto
 zëmar texëvú^hëth'o
 lëmalëko mëxí^ho dëve exëtaian
 ráumo uúmëqo:
 bëhono iáumo ámëlëkh xáino
 barëbá penion:
 uve et^hrái morio uod^hom
 dárg^hizin uau.

وهنا مهلا حبتنه وحبلا
 (مذنه لعهدلا):
 كصحتا معبلا ووه اعلاه
 وهما هجوهما:
 وهنا مهلا امكب عبا
 طروجه فتب:
 وهه الاوجه مذبنا هابوم
 ووقباب هههه

ي لاهلك ونحو، صفة ونحو في نك. كالتصحيح من حلك ونحو. ونحو.
 ونحو. ونحو، صفة ونحو ونحو - حياك ونحو كى حى وت.

ي لاهلك ونحو حنته

حَسْبُا وَمَقْلِه فِي نَب.
 هَجْمُ نَب نَبَا لَه اِبْتَصِي.
 حَب حَه مَن وَهَجْمُ.
 طاه وعكم هب وحصنتا.
 هُما وُجْجَا حَلَا حَام وَجَب.
 هَجْمُ لُحَا مَح حَقْل.
 طاقلا حنتا
 لعممه مذب مَح نصيب

مَنْه مَن لُوم
 اُوم حَمْلُ كَعْمَا
 وَجَب اِي: موم.
 مَعَا اوم مَكه وَاَحْا
 مَعْب وَنَامْا هُما
 مَعَا كَعْم مَلَا هُما.
 هَمْلَا نَحَب تَحْمَلْا ه.
 وُما ه مَلَا
 حَه ه وَمَنْب حَا اِحْتَا

تخلک من ادا مکه حله

مَقْدُومٌ هُوَ قَدْ بَدَأَ حَمْدًا. وَأَبَدُ حَمْدًا مَعْدَمٌ حُجَابٌ:

أَهْمَمْتُ مَعْ رَجْعًا وَوَهُهُتًا. هَمَّ هُنَا وَبَطْلًا.

أَمْرٌ خَلَا مَعًا وَبِكَ هَالِقٌ هَجَابٌ.

بِهِ جَوَابٌ لِعَجَبًا سَبَّالًا. لِعَجَبًا لِأَكْهَابِ:

وَبِسْمِ قَلْبِهَا هَسْبٌ. هَسْبٌ هَمْدٌ حَمْدًا:

لَهُ كَهَمٌ حَجَبٌ نَعْمًا وَخَلَا مَعْدَمٌ وَمَنْ نَبَا لَجِبًا. هَلَا فَمَا كَهْمٌ بَعْدًا: هَا بِلَا حَمْدًا وَبَطْلًا.

مع صلاط مرمعه ورا. رسلا و تر

تخلک من ادا مکه حله

لَا نَلْهَمُ مَسْحُكٌ وَحَمْدًا كَهْمًا مَعْدَمًا كَسْفًا:

أَكْبَهُ كَحْبُ رُبْعًا هَلَا نَلْهَمُ. أَلَا كَسْبٌ نَعْمًا وَبَطْلًا وَكَلْبًا كَسْفًا:

حَجَبٌ لَجِبٌ هُوَ أَمْرٌ أَلَا:

مع كسلا مرمعه و منب فمحه و حله مرمعه و رسلا و حله



❖ *ܨܘܪܘܝܝܗܘܢ ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܡܫܝܚܐ ܕܥܝܣܝܘܬܗ*

Nossa Senhor Ressuscitou!

*S. Emca. Arcebispo D. Severious Malki
Deseja a todos os fiéis e suas famílias
De todas as Igrejas Sirian Ortodoxas do
Brasil*

Feliz Páscoa!

*ܨܘܪܘܝܝܗܘܢ ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܡܫܝܚܐ ܕܥܝܣܝܘܬܗ
ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܥܝܣܝܘܬܗ
ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܥܝܣܝܘܬܗ
ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܥܝܣܝܘܬܗ*

❖ ܨܘܪܘܝܝܗܘܢ ܕܥܝܣܝܘܬܗ ܕܡܫܝܚܐ ܕܥܝܣܝܘܬܗ